

# A transferência sobre o enquadre, o meio maleável e o uso de objetos mediadores na clínica psicanalítica

Camila Junqueira

**Camila Junqueira** é doutora pelo IPUSP, com pós-doutorado pelo mesmo instituto. Psicanalista Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Autora do livro *Metapsicologia dos limites* (Blucher, 2019), entre outros artigos e capítulos de livros.

O caso clínico em questão foi discutido sob o título: *The importance of Ruled Games with adults to bear unbearable states of mind* em 2009, em conferência realizada pelo University College of London em evento em homenagem ao 80º aniversário de Ruth Riesenber-Malcolm, e as considerações teóricas a respeito do caso foram completamente reformuladas para a escrita do artigo atual.

**Resumo** O artigo apresenta, a partir da análise de um fragmento clínico, os conceitos de transferência sobre o enquadre, de meio maleável e de objetos mediadores na clínica psicanalítica. A introdução do jogo na clínica de um adulto nos pareceu fundamental para lidar com as angústias que impediam a instalação do processo analítico, permitindo também o resgate da dimensão do prazer relacionado à criatividade primária.

**Palavras-chave** transferência sobre o enquadre; meio maleável; objetos mediadores; jogo.

**DOI:** 10.70048/percurso.75.87-96

- 1 D.W. Winnicott, "Os objetivos do tratamento psicanalítico", in *O ambiente e os processos de maturação*, p. 152-154.
- 2 B. Medeiros et al., "O brincar na fase adulta: um olhar winnicottiano", *Psicologia Argumento*, v. 40, n. 10.
- 3 S. Ferenczi "Análise de crianças com adultos", in *Obras completas*.

Gosto de fazer análise e sempre anseio pelo seu fim. A análise só pela análise para mim não tem sentido. Faço análise porque é o que o paciente necessita. Se o paciente não necessita de análise então faço alguma outra coisa [...] Mas, em geral, análise é para aqueles que querem, necessitam e podem tolerá-la. Quando me defronto com o tipo errado de caso, me modifico no sentido de ser um psicanalista que satisfaz, ou tenta satisfazer, as necessidades de um caso especial. Acreditando que este trabalho não analítico pode ser melhor feito por um analista que é versado na técnica psicanalítica clássica.<sup>1</sup>

A postura de Winnicott descrita na citação acima foi inspiração para o manejo apresentado no material clínico que será discutido, e que tem como objetivo apresentar e ilustrar os conceitos de transferência sobre o enquadre, de meio maleável e de objetos mediadores e o seu uso na clínica psicanalítica. Neste material clínico o jogo foi introduzido na clínica de um adulto em sua literalidade, pois não havia, inicialmente, possibilidade de metaforizar, de criar imagens e dar espaço ao fantasiar, ou de utilizar o humor, brincadeiras que todo adulto saudável poderia apresentar como forma de lidar com suas angústias<sup>2</sup>. No caso em questão, a utilização de jogos como *objeto mediador* nos pareceu essencial para que a situação analítica se tornasse um *meio maleável* e possibilitasse a construção do processo analítico.

Buscando referências para pensar o que havia acontecido nesse processo encontro Ferenczi<sup>3</sup> propondo, no texto *Análise de crianças com adultos*, que as técnicas desenvolvidas para acessar as crianças poderiam inspirar modificações técnicas na análise de adultos de difícil acesso. Winnicott também apresenta suas reflexões a respeito do uso de jogos com adultos no texto *O brinquedo na situação analítica* de 1954,



*João é um rapaz  
de vinte e poucos anos, e chega  
à análise após o que ele chama  
de uma “crise de depressão”*

e, mais tarde, em *O brincar e a realidade*, quando afirma que a psicanálise é uma forma altamente especializada de brincar, e que o brincar na análise de adultos “manifesta-se, por exemplo, na escolha das palavras, nas inflexões de voz e, na verdade, no senso de humor”<sup>4</sup>. Mas antes de Winnicott, Milner<sup>5</sup>, num caso em que tentava aplicar as técnicas aprendidas em sua formação para os atendimentos de neuróticos, e observando uma lentidão no processo, relata que a própria paciente, sabendo que a analista também atendia crianças, solicita alguns brinquedos para expressar o que sente.

Milner<sup>6</sup> também é responsável pela introdução da ideia de que a situação analítica deve se comportar como um meio maleável, ideia importante para pensarmos as ampliações da técnica e do enquadre para pacientes não neuróticos, com déficits na simbolização em razão de traumatismos primitivos. É digno de nota que esse artigo de Milner é uma homenagem ao artigo clássico de Klein<sup>7</sup>, “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do Ego”. Neste, Klein apresenta suas primeiras considerações sobre o caso Dick, e descreve um trabalho onde vai sugerindo ao paciente certos simbolismos para os brinquedos na sessão, até que ele possa começar a utilizar o brincar, e então escreve:

Gostaria de enfatizar, porém, que no caso de Dick me vi obrigada a modificar minha técnica usual. Em geral não interpreto o material até que ele tenha sido expresso em várias representações. Contudo, num caso em que a capacidade de representação era quase inexistente, fui obrigada a basear minhas interpretações no meu conhecimento geral, pois as representações que se manifestavam no comportamento de Dick eram relativamente vagas. Encontrando dessa maneira um acesso para seu

inconsciente, consegui ativar a ansiedade e outros afetos. As representações tornaram-se mais complexas e logo obtive alicerces sólidos para a análise, passando gradualmente para a técnica que costumo empregar na análise de crianças pequenas (grifos meus).<sup>8</sup>

Mas diferente de Dick, que chega à análise sem tônus libidinal, o que faz Klein propor que há uma dose de ansiedade necessária para os movimentos psíquicos de formação dos símbolos, o paciente cujo manejo será relatado neste artigo chega à análise transbordando corporalmente sua ansiedade, e sendo incapaz de se expressar verbalmente, o que também impede a utilização dos símbolos para um processamento da ansiedade. Essas duas situações clínicas em conjunto poderiam sugerir que há, na realidade, uma quantidade “ótima” – ou uma quantidade ideal – de ansiedade que promove a atividade de simbolização, e para o paciente em questão essa ansiedade precisou ser reduzida, para que gradualmente fosse possível empregar a técnica clássica.

### Fragmento clínico

João é um rapaz de vinte e poucos anos, e chega à análise após o que ele chama de uma “crise de depressão”. Após o término de um relacionamento de mais de cinco anos, João bate sua cabeça na parede repetidamente, é contido pelo pai, mas precisa ser atendido num serviço médico, medicado e então encaminhado para psicoterapia. João conta, entre muitos silêncios, que aos 12 anos foi traído por um amigo, que deixou todos da escola saberem que ele estava interessado em uma colega, e fechou-se. Tinha relacionamentos virtuais com pessoas que conhecia em *chats* de jogos *on-line*, e foi num desses *chats* que conheceu a moça que veio a ser sua namorada. Depois de muitos meses, se conheceram pessoalmente e gradualmente passaram a frequentar as casas de ambas as famílias. A moça era poucos anos mais nova que ele, e havia acabado de entrar no ensino superior, quando, sem sinais, interrompe o relacionamento. Muito constrangido, João conta que não tinham relações sexuais. Penso

que gostaria de ouvir um pouco mais sobre o assunto, mas vejo o suor escorrendo pelo seu rosto avermelhado e sugiro então que ele se deite no divã pensando que, livre do meu olhar, ele poderia se sentir mais à vontade para falar. João me responde que não lhe parecia uma boa ideia, pois deitado iria certamente dormir. E então, seus olhos se fecham e João, ainda sentado na poltrona, adormece por alguns minutos. Acorda sobressaltado, ainda mais constrangido. Fica em silêncio o restante da sessão. Nas sessões seguintes João faz um esforço para trazer um assunto, conta algo da faculdade, algum diálogo na família e então cai no sono novamente. Acorda sobressaltado, constrangido, silêncio, nada lhe passa pela cabeça.

Seguimos assim algumas sessões, até que eu aponte a dificuldade de estar com o outro, o medo da intimidade com a namorada que parece se transferir para a situação analítica, com o que João concorda, mas que não faz efeito sobre seu sono e seu silêncio. João insiste em vir, pois tem muito medo de nova crise. As sessões são preenchidas pelo sono sem sonhos. Com dificuldade de me manter desperta entre os cochilos de João, após muitas sessões, lhe proponho que jogássemos um jogo, e João aceita. Escolho o Jogo da Vida, na caixa está escrito: “Mil e uma maneiras de viver a vida! Como você vai viver a sua?!”. O jogo consiste num tabuleiro, e em cada casa da trilha há uma informação sobre o que você deve fazer ou o que lhe aconteceu, se ganhou ou perdeu dinheiro, se retrocedeu ou avançou. Cada participante avança segundo o número de casas sorteadas em uma roleta, mas o interessante é que você pode escolher diferentes caminhos e tomar algumas decisões, e, portanto, o jogo não é apenas uma questão de sorte. Por exemplo, você pode escolher um atalho e um pequeno salário ou pode escolher o caminho universitário, que é muito

»  
na primeira partida João  
se apressa para tomar todos  
os atalhos e chegar ao fim  
do tabuleiro em primeiro lugar

mais longo, mas gera um salário maior, e essa é uma estratégia interessante, pois ganha o jogo quem tem mais dinheiro no final, e não necessariamente quem chega primeiro ao fim do tabuleiro.

Na primeira partida João se apressa para tomar todos os atalhos e chegar ao fim do tabuleiro em primeiro lugar. Chega, mas não ganha o jogo, pois eu havia acumulado mais dinheiro no caminho! Fica aborrecido. Mas parece que sua competitividade e irritação o mantêm desperto, os cochilos já não aparecem. Como João havia mencionado que jogava RPG (*Role Playing Game*) com os amigos que fez nos *chats*, nas próximas partidas proponho a criação de histórias: dou um nome para o meu peão, bem como para o marido e filhos do peão, e crio pedaços de história com cada situação do jogo. Ele demora, mas aos poucos começa a entrar na brincadeira. Jogamos muitas partidas! Entre uma história e outra, eu pergunto sobre a história dele, e vou fazendo uma pequena coleção de fragmentos sobre situações vividas na escola, em família, com a ex-namorada, acontecimentos vividos por seus pais, a história de seus avós.

Na volta de uma breve interrupção por minhas férias, proponho que ele escolha no armário um outro jogo. Ele escolhe *Scotland Yard*, e me sinto convidada a desvendar um enigma! Os participantes elegem primeiramente o crime que vai ser investigado. O jogo consiste em um tabuleiro no qual cada participante circula livremente, de acordo com o número de pontos obtidos por um dado. Ao entrar em cada recinto, o participante pode ter acesso a uma pista do crime que está escondida lá. O participante deve deduzir a solução do crime a partir da junção das pistas, e vence quem chegar ao criminoso e motivo do crime primeiro. Ele não conhece o jogo, então eu o ensino e, para isso, jogamos com

4 D.W. Winnicott, *O brincar e a realidade*, p. 61.

5 M. Milner, “Um paciente adulto utiliza brinquedos”, in *A loucura suprimida do homem são*.

6 M. Milner, “O papel da ilusão na formação simbólica”, in *A loucura suprimida do homem são*.

7 M. Klein, “A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do Ego”, in *Amor, culpa e reparação*.

8 M. Klein, *op. cit.*, p. 260-261.



*o sono parecia funcionar como um regulador da minha presença, minimizando seu contato comigo, mas também consigo*

as pistas abertas algumas partidas, ou seja, partilhemos as pistas entre nós e, juntos, buscamos deduzir o criminoso e suas motivações. Cada partida dura algumas sessões e conseguimos desvendar os enigmas. No entanto, João é competitivo e pede para jogarmos como as pistas fechadas, como adversários, mas o jogo não anda... sozinho, nenhum de nós é capaz de revelar o mistério e acabamos olhando a solução no verso do cartão. Tentamos mais algumas vezes, mas só funciona e é mais divertido quando trabalhamos em cooperação.

Quando passamos por uma nova interrupção por minhas férias, João demora um pouco mais a voltar, faltando nas primeiras sessões, mostrando a meu ver mais pesar pela ruptura do vínculo. Havia um vínculo então? Busco falar sobre o tema, os vínculos, a intimidade, a confiança, e o sono sem sonhos volta à cena. Proponho então uma nova troca de jogo, um quebra-cabeças de mil e quinhentas pequenas peças. Ele aceita, naquele momento um jogo bastante menos estruturado é suficiente para nos manter trabalhando em conjunto, sem que o silêncio e o sono paralise o processo. E outros fragmentos de acontecimentos e de histórias podem aparecer. Quando João encerra esse processo de análise, o quebra-cabeças restava incompleto, juntando poeira embaixo do divã, esquecido, mas tendo sido mais um anteparo fundamental sem o qual, me pareceu, ele não teria sido capaz de regular sua ansiedade de forma suficiente para permitir a instalação do processo analítico.

### Considerações teórico-clínicas

Refletindo sobre o brincar, Winnicott propõe que os analistas superestimavam a relação com brincar

como sublimação da masturbação, e prestavam demasiada atenção a seu conteúdo, em vez de observar o brincar “como coisa em si”<sup>9</sup>. Para Winnicott, o brincar se refere à capacidade de conter e organizar as experiências, podendo ser “autocurativa”<sup>10</sup>. O brincar é também uma atividade de comunicação, ora para os outros, ora “para alguma parte de si mesmo (*self*), o ego observante”<sup>11</sup>. O brincar é ainda fonte da criatividade, onde o bebê pode colocar o seu gesto espontâneo, expressão de verdadeiro *Self*, e ainda é através do brincar que se oscila entre a aproximação e o repúdio dos objetos, atividade-base da diferenciação eu-outro, desde que o objeto sobreviva, sem retaliar, ao amor impiedoso inerente às primeiras expressões do *Self*.

João, no entanto, não podia jogar o jogo analítico. O sono foi pensado inicialmente como resistência diante dos assuntos da sexualidade, pois se inicia quando João traz o assunto da ausência de relações sexuais com a namorada, e se constrange ainda mais com o meu convite para deitar-se no divã. Mas, *a posteriori*, o sono foi compreendido como uma evacuação somática de sua angústia de intrusão/abandono, devido ao esgarçamento de sua rede simbólica promovida pelo luto do relacionamento. O sono parecia funcionar como um regulador da minha presença, minimizando seu contato comigo, mas também consigo. A desertificação psíquica que permeia o campo analítico a partir de seu silêncio e seu sono sem sonhos pode ser compreendida como um certo tipo de trabalho do negativo, um desinvestimento da arborescência da cadeia associativa, mecanismo que Green<sup>12</sup> denomina de posição fóbica central. Tal desertificação se transferiu para o enquadre<sup>13</sup>, congelando a possibilidade de trabalho associativo, tanto por parte do paciente como por parte da analista.

Roussillon<sup>14</sup> – inspirado por Bleger<sup>15</sup>, para o qual os aspectos simbióticos e indiferenciados da personalidade do paciente se expressam no enquadre – acrescenta que o enquadre expressa os traumatismos primitivos do paciente que impedem os processos de simbolização necessários para a gestão da angústia: “[...] sobre o dispositivo tende a se transferir especificamente a história da

relação do sujeito com sua função simbolizante, a história de seus sucessos, mas também de suas vicissitudes na tarefa de subjetivação das condições de simbolização”<sup>16</sup>.

Mas, como bem coloca Roussillon<sup>17</sup>, se por um lado é inevitável que o enquadre reproduza o trauma primário, por outro, deve ser manejado de modo que torne toleráveis seus aspectos inutilmente traumáticos. É nessa busca que proponho a João um jogo de regras para sairmos do silêncio mortífero imposto pela regressão melancólica promovida pelo fim do relacionamento. Materiais mais projetivos e desestruturados como massinha, lápis e papel poderiam exercer sobre ele o mesmo efeito de exigência de associações livres que ele não parecia poder cumprir naquele momento. A escolha por um material mais estruturado para as sessões tinha a intenção de fornecer a João um ambiente previsível, e que também funcionasse como algo que garantisse uma certa distância entre nós, cumprindo a função que o sono parecia promover, mas sem impedir completamente o nosso contato.

Ao refletir sobre o enquadre analítico, Roussillon<sup>18</sup> retoma que na psicanálise costumamos pensar que o enquadre é um conjunto de invariantes que permite a instalação do processo analítico. Contudo, com sua experiência com pacientes com sofrimentos narcísicos, que exigem alterações de enquadre para minimização dos aspectos inutilmente traumáticos, percebemos que *é o processo que permite a instalação do enquadre*. E foi isso que entendo

foi isso que entendo

que aconteceu com João,

a introdução do jogo de tabuleiro

permitiu a instalação do jogo analítico

que aconteceu com João, a introdução do jogo de tabuleiro permitiu a instalação do jogo analítico.

Roussillon<sup>19</sup> também é uma referência fundamental para pensarmos a importância do jogo para a instalação do processo de simbolização. Para o autor, embora o jogo seja uma ação, ele propõe um tipo de passagem ao ato que cria uma representação. Roussillon examina alguns jogos essenciais que já integram as reflexões metapsicológicas para pensar como cada um deles se relaciona com a dialética da presença e ausência, e é essencial para a representação da ausência e da diferenciação eu-outro. No jogo do coucou, ou peek-a-boo, ou cadê o nenê, o objeto aparece e desaparece; no jogo da espátula o objeto é jogado, perdido e restituído; no jogo da construção o objeto é articulado a outros, colocado junto e organizado. Por fim, no jogo do espelho, o Eu se distingue do objeto, e isso é realizado com a sensação de júbilo que Lacan<sup>20</sup> já assinalou. E é essa dimensão de prazer que gostaríamos de acentuar.

Roussillon propõe a noção de trabalho psíquico como o esforço que o aparelho precisa fazer para servir a seus vários mestres: realidade, Id e Supereu. No entanto, trabalho psíquico que não se trata apenas da passagem do princípio de prazer para o de realidade, mas da passagem da compulsão à repetição cega e automática para um funcionamento vetorizado pelo *prazer*, que permite alguma liberdade de escolha ordenada pelo recobrimento simbólico. Neste contexto escreve: “o trabalho psíquico do jogo, em particular em sua dimensão intersubjetiva, permite a conquista do prazer ‘por caminho longo’ fundamentado na simbolização no e pelo jogo, uma integração ‘introjetiva’”<sup>21</sup>. Desse modo, ensinar a brincar, como propõe Winnicott, ou ensinar a jogar, como propõe Roussillon, passa

9 D. Winnicott, *O brincar e a realidade*, p. 61.

10 D. Winnicott, *op. cit.*, p. 70.

11 D. Winnicott, *op. cit.*, p. 66.

12 A. Green, *La pensée clinique*.

13 Texto do autor, 2023.

14 R. Roussillon, “Le transfert sur le cadre”, in *Logique et archéologiques du cadre psychanalytique*; “Para uma extensão da prática da Psicanálise (prefácio)”, in *Travessia do corporal para o simbólico corporal, Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*.

15 J. Bleger, “Psicanálise do enquadre analítico”.

16 R. Roussillon, *Manual...* p. 95.

17 R. Roussillon, *op. cit.*

18 R. Roussillon, *op. cit.*

19 R. Roussillon, “Les jeux du cadre”, in *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique*.

20 J. Lacan, “O estádio do espelho como formador da função do Eu”, in *Escritos*.

21 R. Roussillon, *Manual...*, p. 246.





*Roussillon sugere que a massinha de modelar seria um bom protótipo para descrevermos as características de um meio maleável ideal*

pela recuperação do prazer da criatividade primária que se coloca partir da experiência de ilusão de onipotência, que sustenta o paradoxo achado/criado, pelo tempo necessário até a instalação dos processos de simbolização.

Por outro lado, este autor pondera que os pacientes com sofrimentos narcísicos vivem numa lógica da desesperança, pois o princípio de realidade, que é a falta do objeto, chegou antes de uma vivência consistente do princípio de prazer vivido não apenas pela presença do objeto da necessidade, mas em termos de ilusão de onipotência, onde esse objeto seria achado/criado. Nesse sentido, segundo Roussillon, o tratamento passa por

promover formas de simbolização que procuram transformar as experiências traumáticas anteriores para restituir ao funcionamento psíquico um determinado prazer, que não seria outro que não o da partilha, aumentam então as chances de estabelecer ou de restabelecer o primado do princípio do prazer<sup>22</sup>.

O prazer seria não do alívio do encontro com o objeto da necessidade, mas o prazer da ilusão de criar o objeto encontrado.

A possibilidade de substituir o sono mortífero de João pelo jogo me parece ter sido uma estratégia fundamental para restituir a possibilidade de ele encontrar prazer numa atividade compartilhada. Voltaremos à questão do prazer, mas por ora é necessário acrescentar que a concepção de que o trabalho analítico inclui um manejo do enquadre, que minimize os aspectos inutilmente traumáticos, está em sintonia com a proposta de Winnicott de que o processo de análise com pacientes-limite deve sustentar a ilusão de onipotência necessária à regressão terapêutica, bem como está em sintonia

com a ideia de que a situação analítica deve se comportar como um “meio maleável”<sup>23</sup>.

Como bem coloca Schor:

o meio maleável é, pois, um ambiente que se caracteriza por oferecer ao sujeito a possibilidade de encontrar, fora de si, aspectos de suas qualidades externas, por meio da materialização destas *sobre elementos físicos, perceptíveis*, a qual possibilita que o indivíduo “enxergue” esse processo acontecendo<sup>24</sup> (grifos meus).

O autor ainda acrescenta que a mudança não se realiza apenas pela volta a um estado de indiferenciação que a regressão terapêutica pode promover, mas também pela expressão dos gestos espontâneos que podem surgir e se tornar perceptíveis, e nessa perspectiva um meio maleável parece ser fundamental para o reencontro do prazer ligado à criatividade primária.

Roussillon<sup>25</sup> dedica um capítulo inteiro de seu livro *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia* para resgatar e expandir a ideia de meio maleável de Milner, a partir da compreensão dos sofrimentos narcísicos como patologias que denunciam a fragilidade da capacidade de simbolização, e dos déficits do aparelho de pensar, como já haviam proposto Bion, Green e Donnet.

Roussillon<sup>26</sup>, partindo das observações de Descartes sobre a cera e de Freud sobre o bloco mágico, sugere que a massinha de modelar seria um bom protótipo para descrevermos as características de um meio maleável ideal: flexível o suficiente para que possa ser moldado e nele impresso algo do mundo interno do sujeito, mas consistente o suficiente para que mantenha a forma impressa ao longo do tempo, forma esta que possa ser apreciada, mas que se mantém flexível, sendo indefinidamente transformável. Mas como bem nos lembra esse autor, o trabalho de simbolização das crianças não pode aguardar até que elas estejam prontas para utilizar a massinha de modelar. Ele começa muito antes, se servindo de outros materiais disponíveis no ambiente, que sem dúvida incluem o corpo e rosto dos pais para imprimir seu mundo interno, ainda que esses elementos do

ambiente apenas possuam qualidades parciais do meio maleável ideal, próximo à ideia que Winnicott<sup>27</sup> desenvolve no texto “O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”.

Roussillon<sup>28</sup> acrescenta que o meio maleável deve ser também animável, ou seja, deve ser possível projetar sobre eles fantasias, que o transformam num outro, que não deixa de ser um si mesmo. Mas a característica mais central do meio maleável é a de oferecer um entorno simbolizante, ao expressar e conservar a forma impressa pelo sujeito, tornando o interno externo. No caso apresentado, começo a visualizar um pouco melhor o mundo interno de João, quando ele aceita a brincadeira de criar histórias para os peões. É num acidente com o peão que fico sabendo que seu pai perdera um irmão ainda criança, de forma trágica, momento em que talvez seu pai tenha se tornado a razão de existência da vida de seus avós, impossibilitando uma boa separação de seu pai com seus objetos primários, e que esse fato teria atravessado sua forma de paternidade e influenciado, quiçá, sua forma depressiva de estar no mundo. Essa construção, tecida com esse pequeno fio obtido através do jogo, só pôde ser apresentada a João muito tempo depois, quando o quebra-cabeças já estava esquecido num canto.

Quando transpomos a ideia de um meio maleável para o clínico, Roussillon acrescenta características importantes para que este siga como suporte do trabalho de simbolização: previsibilidade, constância e que seja suficientemente não destrutível nem confuso, bem como não faça

»»

*a característica mais central do meio maleável é a de oferecer um entorno simbolizante, ao expressar e conservar a forma impressa pelo sujeito*

retaliações ao amor impiedoso imposto pelo sujeito inicialmente. Quando Roussillon fala em meio maleável, ele claramente está pensando na situação analítica de modo total, que inclui o enquadre, o espaço físico, bem como o corpo e a pessoa do analista. No entanto nos lembra que, embora haja uma certa plasticidade da transferência, não é qualquer objeto que se presta à simbolização: “não se reatualiza ou se alucina a doçura de um seio num objeto pontiagudo e cortante! É por isso que a escolha do meio, da oferta do objeto de transferência, determina em parte o tipo de experiência subjetiva que pode ser investida”<sup>29</sup>, e nos estimula a seguir buscando minimizar os aspectos inutilmente traumáticos do enquadre, especialmente para pacientes com déficits de simbolização.

A concepção da situação analítica como meio maleável e a necessidade de manejar o enquadre para minimizar os efeitos desnecessariamente traumáticos da transferência têm influenciado as pesquisas com a utilização de objetos mediadores. Num outro trabalho<sup>30</sup>, refletindo sobre as propostas de Anne Brun<sup>31</sup> de utilização de objetos mediadores, já nos perguntamos se seriam os objetos mediadores capazes de burlar o trabalho do negativo, de desfazimento das ligações, presente nos pacientes com sofrimentos narcísicos. A utilização dos objetos mediadores tem sido desenvolvida especialmente no trabalho com grupos terapêuticos em instituições, como veremos a seguir. Chouvier<sup>32</sup> não invalida o uso de objetos mediadores em processos individuais, mas enfatiza sua riqueza para os trabalhos em grupo, desde que os grupos apresentem constância de seus participantes de duração no tempo para acolher os processos de simbolização. No entanto, à luz do trabalho com João, me interrogo sobre a

22 R. Roussillon, *op. cit.*, p. 245.

23 M. Milner, *O papel...*; R. Roussillon, *Manual...*

24 D. Schor, “O meio maleável: os fundamentos da representação de si”, in *Voices da Psicanálise*, p. 289.

25 R. Roussillon, *op. cit.*

26 R. Roussillon, *op. cit.*

27 D.W. Winnicott, *op. cit.*

28 R. Roussillon, “Une métapsychologie de la médiation et du médium malléable”, in *Manuel des médiations thérapeutiques*.

29 R. Roussillon, *Manual...* p. 237.

30 Texto do autor, 2018.

31 A. Brun, *Manuel des médiations thérapeutiques e A especificidade da utilização das mediações terapêuticas*.

32 B. Chouvier, “Les objets médiateurs dans le groupe thérapeutique”, *Dialogue: familles & couples*, n. 213.



*penso que a escolha do jogo com regras, junto ao convite para a produção de histórias, possa ser aproximada à massinha de modelar*

ampliação das pesquisas sobre a utilização desses objetos em processos individuais.

Atualmente a fotolinguagem é a técnica de mediação terapêutica mais bem desenvolvida e estudada nos últimos anos. Essa proposta de trabalho, que foi desenvolvida de forma intuitiva em 1965, já é uma metodologia consagrada para o trabalho com grupos, sobretudo de pacientes de difícil acesso. Trata-se de uma técnica evidentemente projetiva, mas que em grupo se apoia na amplitude do repertório verbal de todos os participantes para a construção de um envelope narrativo para o conteúdo projetado: nas palavras de Vacheret: “a palavra tomada por esses membros do grupo que desejam intervir sobre uma foto contribui para alimentar a cadeia associativa”<sup>33</sup>, onde a foto funciona como um “guarda-corpo” que articula o intrapsíquico com o intersubjetivo. É essa articulação entre o intrapsíquico e o intersubjetivo que, imagino, tenha podido começar a operar no processo de João, viabilizado pelo jogo literal, até que o jogo tenha podido se instalar de forma metafórica.

Vacheret e colaboradores afirmam: “O grupo exerce uma função de intérprete, quer dizer, de tradução, de transformação dos atos ou dos sinais mensageiros de um sofrimento que não pode ser enunciado e que necessita de uma metabolização”<sup>34</sup>. O objeto mediador atrai para si os afetos, restituindo a capacidade de pensar do analista e diminuindo o custo psíquico que ocorre sobretudo nas transferências do trauma primário, em que o analista precisa processar – e arca com – aquilo que a paciente expulsa de si por identificação projetiva.

Segundo Vacheret, o método utiliza as ancoragens perceptivas e sensoriais das lembranças evocadas pelas fotos e pelas descrições de cada participante de sua foto de escolha.

Uma foto escolhida como objeto mediador se torna, pelo investimento do qual ela é o objeto, uma imagem própria a mobilizar nossas imagens interiores, associadas e religadas pelo afeto que as sustenta [...] de um ponto de vista econômico, ao trocarmos entre imaginários, fazemos trocas com movimentos pulsionais, mas também com potencialidades identificatórias.<sup>35</sup>

O que imagino ter sido possível com João a partir dos personagens criados no jogo. Além disso, nos grupos de fotolinguagem os terapeutas participam do mesmo modo que os pacientes, fazendo com que a atividade não pareça tão perigosa, mas o mais importante é a possibilidade de os pacientes se identificarem com o prazer de associar e estabelecer ligações através do pensamento<sup>36</sup>. Tanto a dimensão da coparticipação quanto do prazer em jogar e desvendar os mistérios foram exploradas no processo com João.

Penso que a escolha do jogo com regras, junto ao convite para a produção de histórias, possa ser aproximada à massinha de modelar, que Roussillon entende como um objeto mediador particularmente interessante, porque combina a consistência com a flexibilidade. As regras do jogo mantiveram um certo contorno mais delimitado do encontro, mas ainda assim, havia espaço para criações próprias. Agiu-se nesse sentido em acordo com o que Schor propõe a partir do trabalho de Milner:

A condição, contudo, para que a indistinção pudesse funcionar (paradoxalmente) como um solo do processo de diferenciação, em vez de um mergulho numa experiência caótica, seria a entrega às experiências de indiferenciação, permitisse a emergência de gestos espontâneos capazes de dotar o mundo externo de algo do Self, o qual encontraria ali suas próprias marcas, fazendo da realidade externa algo suficientemente familiar e inteligível.<sup>37</sup>

Poder expressar sua agressividade, ora através da sua competitividade, ora de falas provocativas e arrogantes encarnadas nos peões do jogo, sem sofrer retaliações, me pareceu importante, para que muito depois pudesse sentir e falar sobre a raiva e inveja do pai por ser tão calmo e compassivo

diante das agruras da vida. Também próximo do fim de seu percurso analítico comigo, pudemos desconstruir essa imagem do pai, que passou a ser reconhecido em sua depressão, que se expressava através de um alcoolismo funcional. Havia ainda raiva e inveja da funcionalidade do pai, que ao longo do contato com sua história puderam se transformar numa visão mais empática, e que pressionava menos João a dar conta sozinho de seu mundo emocional.

Diferente de Winnicott<sup>38</sup>, que propõe a função do brincar “em si” como autocurativo, como colocamos acima, Chouvier<sup>39</sup> pensa que a arte não é terapêutica em si, o que é terapêutico é o uso dos objetos e práticas artísticas dentro de um enquadre delimitado, que tem a função de conter e espelhar aquilo que é expresso. Da mesma forma que podemos pensar que os cuidados de higiene são essenciais para o bebê, mas não são constitutivos sozinhos de seu psiquismo, e é necessário o banho de palavras que Anzieu<sup>40</sup> descreve na formação do Eu-pele. A esse respeito Roussillon<sup>41</sup> propõe que uma das funções da análise é a construção de um envelope narrativo para experiências que foram registradas no sujeito apenas em nível sensorial, e que pedem soluções sensoriais, como as compulsões, por exemplo, mas também como o sono em João. A partir da construção conjunta do envelope narrativo para essas experiências, “onde havia o ato, a palavra deve advir”<sup>42</sup>.

Roussillon<sup>43</sup> nos adverte para não opormos sempre ato e representação, ou ato e linguagem,

»»

*segundo Minerbo, o acento no prazer é a grande contribuição de Roussillon para a compreensão dos processos de simbolização*

pois há vezes que o ato contém uma mensagem. No entanto, estamos buscando pensar aqui nos atos e somatizações (como o sono de João) que se impõem de maneira compulsiva onde a linguagem ainda não recobriu a experiência. E para concluir, gostaria de acentuar a importância da recuperação da dimensão do prazer, prazer que não é o prazer erógeno da satisfação pulsional, nem o prazer-alívio da satisfação da necessidade, mas prazer relacionado à expressão da criatividade primária e à possibilidade de simbolização através da experiência compartilhada.

Segundo Minerbo<sup>44</sup>, o acento no prazer é a grande contribuição de Roussillon para a compreensão dos processos de simbolização. Entendemos, portanto, que quando Klein<sup>45</sup> acentua a ansiedade como motor dos processos de simbolização, ela estava inserida em uma metapsicologia da ausência, em que a falta é fundante da representação, mas quando a clínica dos pacientes narcísico-identitários nos leva, desde Winnicott, a pensar numa metapsicologia da presença, ou numa dialética presença-ausência para o surgimento da representação, percebe-se a importância de incluir a dimensão do prazer no processo de simbolização – “prazer de partilhar, de estar em grupo, de funcionar e de pensar”<sup>46</sup> como enfatizam Vacheret e colaboradores ao falar sobre o uso dos objetos mediadores.

A introdução do jogo literal na análise de João operou na regulação de sua ansiedade e da distância paciente-analista, possibilitou uma reordenação do prazer compartilhado através dos arranjos do enquadre, e, por fim, possibilitou a instauração do processo analítico tendo sido, então, o jogo (objeto mediador) deixado de lado e esquecido, pois como nos inspira Winnicott:

33 C. Vacheret, “A fotolinguagem: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa”, *Psicologia: teoria e prática*, v. 10, n. 2, p. 184.

34 C. Vacheret et al., “Como pensar a sinergia entre grupo e objeto mediador”, *Revista Brasileira de Psicanálise*, p. 165.

35 C. Vacheret, “A fotolinguagem...”, p. 188.

36 C. Vacheret et al., *op. cit.*

37 D. Schor, *op. cit.*, p. 286.

38 D.W. Winnicott, *O brincar...*

39 B. Chouvier, *op. cit.*

40 D. Anzieu, *Eu-pele*.

41 R. Roussillon, *O narcisismo e a análise do Eu*.

42 Texto do autor, 2023.

43 R. Roussillon, *op. cit.*

44 M. Minerbo, *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*.

45 M. Klein, *op. cit.*

46 C. Vacheret et al., *op. cit.*, p. 185.

A psicoterapia acontece na sobreposição de duas áreas do brincar: a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia tem a ver com duas pessoas brincando juntas.

O corolário disso é que onde brincar não é possível, então o trabalho feito pelo terapeuta é direcionado para levar o paciente de um estado de não ser capaz de brincar para um estado de ser capaz de brincar.<sup>47</sup>

47 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 51.

## Referências bibliográficas

- Anzieu D. (1988). *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bleger J. (1967/2002). *Psicanálise do enquadre analítico*. Disponível em: <https://spms.com.br/wp-content/uploads/2022/01/A-C-P-001.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.
- Brun A. (2018). *A especificidade da utilização das mediações terapêuticas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qu7w-7bhUL>.
- Brun A.; Chouvier B.; Roussillon R. (2013). *Manuel des médiations thérapeutiques*. Paris: Dunod.
- Chouvier B. (2016). Les objets médiateurs dans le groupe thérapeutique. *Dialogue: familles & couples*, n. 213, p. 11-24.
- Ferenczi S. (1931/1992). Análise de crianças com adultos. In: *Obras completas*, v. IV. São Paulo: Martins Fontes, p.79-95.
- Green A. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Odile Jacob.
- Klein M. (1930/1996). A importância da formação dos símbolos no desenvolvimento do Ego. In *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos 1921-1945*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan J. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do Eu. In: Lacan J., *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Medeiros B.; Antoniazzi M.; Dotto F.; Krueel C. (2022). O brincar na fase adulta: um olhar Winnicottiano. *Psicologia Argumento*, v. 40, n. 10.
- Minerbo M. (2016). *Diálogos sobre a clínica psicanalítica*. São Paulo: Blucher.
- Milner M. (1948/1987). Um paciente adulto utiliza brinquedos. In *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1952/1987). O papel da ilusão na formação simbólica. In *A loucura suprimida do homem são*. Rio de Janeiro: Imago.
- Roussillon R. (1995a). Le transfert sur le cadre. In *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (1995b). Les jeux du cadre. In *Logiques et archéologiques du cadre psychanalytique*. Paris: PUF.
- \_\_\_\_\_. (2013). Une métapsychologie de la médiation et du médium malléable. In Brun A.; Chouvier B.; Roussillon R. *Manuel des médiations thérapeutiques*. Paris: Dunod.
- \_\_\_\_\_. (2014). Para uma extensão da prática da Psicanálise (prefácio). In Rache E. *Travessia do corporal para o simbólico corporal*. São Paulo: Cla Editora. p. 9-27.
- \_\_\_\_\_. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. São Paulo: Blucher.
- \_\_\_\_\_. (2023). *O narcisismo e a análise do Eu*. São Paulo: Blucher.
- Schor D. (2023). Meio maleável: os fundamentos da representação de si. In *Vozes da Psicanálise: teoria, clínica e pluralismo*, v. 2 (1943-1966). São Paulo: Blucher.
- Vacheret C. (2008). A fotolinguagem: um método grupal com perspectiva terapêutica ou formativa. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 10, n. 2, p. 180-191.
- Vacheret C.; Gimenez G.; Abud C.C. (2013). Como pensar a sinergia entre o grupo e o objeto mediador? *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 47, n. 3, p. 156-169.
- Winnicott D.W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1954/1991). O brinquedo na situação analítica. In *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed.
- \_\_\_\_\_. (1962/2005). *Os objetivos do tratamento psicanalítico. O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed.

## Transference onto the setting, the malleable environment and the use of mediating objects in psychoanalytic clinic

**Abstract** The article presents, based on the analysis of a clinical fragment, the concepts of transference onto the setting, malleable environment and mediating objects in the psychoanalytic clinic. The introduction of the game in an adult clinic work seemed essential to deal with the anxieties that prevent the installation of the analytical process, also allowing the recovery of the dimension of pleasure related to primary creativity.

**Keywords** Transference onto the setting; malleable medium; mediating objects; games.

**Texto recebido:** 12/2024

**Aprovado:** 06/2025